

Javier com a palavra sobre a UNE e a luta dos estudantes

O presidente da União Nacional dos Estudantes fala à Tribuna sobre as questões em pauta no Congresso desta semana em Piracicaba. Pág. 5



Javier Alfaya, o brasileiro que querem expulsar



Marcos Freire, candidato ao governo de Pernambuco pelo PMDB, fala à multidão reunida para ouvi-lo na Feira de Triunfo

PMDB empolga o interior do país

400 mil na rua contra Begin

Gigantesca manifestação contra o massacre de palestinos. Página 2

EDITORIAL

A marca do arbítrio

O general Figueiredo foi à Assembléia Geral da ONU posar de defensor dos princípios democráticos. Pode ter até agradado aos imperialistas. Mas enquanto o presidente dava suas lições de liberdade, o jornalista Juvêncio Mazzarollo, do jornal *Nosso Tempo*, de Foz do Iguaçu, era condenado a um ano de prisão pela Lei fascista de Segurança Nacional e imediatamente atirado numa penitenciária em péssimas condições carcerárias. Ao mesmo tempo por ordem direta do ministro Leidão de Abreu, o jornalista Mesquita Neto diretor d' *O Estado de São Paulo* está sendo processado por esta mesma lei. Por ordem do ministro Abi-Ackel estão sendo incriminados jornalistas da *Tribuna Operária* e diretores da *Editora Anita Garibaldi*. Os padres e posseiros da região do Araguaia estão cumprindo penas de 7 a 15 anos de prisão e o candidato do PMDB a governador do Espírito Santo também está sendo processado.

A Lei de Segurança Nacional é o mais evidente e o mais odiado sinal do arbítrio que caracteriza o regime implantado no país desde 1964. Já não assistimos às cenas diárias de violência em massa nas ruas, já não temos os casos frequentes de torturas e assassinatos (ou desaparecimento) nos subterrâneos dos quartéis. Mas são mudanças de fachada. A essência reacionária, arbitrária e antipovo do regime militar permanece intacta e muito bem espelhada na Lei de Segurança Nacional.

Os generais não abrem mão de forma alguma deste instrumento criado pelo fascismo. Em determinados momentos não a usaram porque a grande mobilização em favor da anistia os obrigou a recuar. Mas em seguida voltaram a atacar o povo com este recurso de força, o que vai novamente virando rotina. E só não voltam a empregar

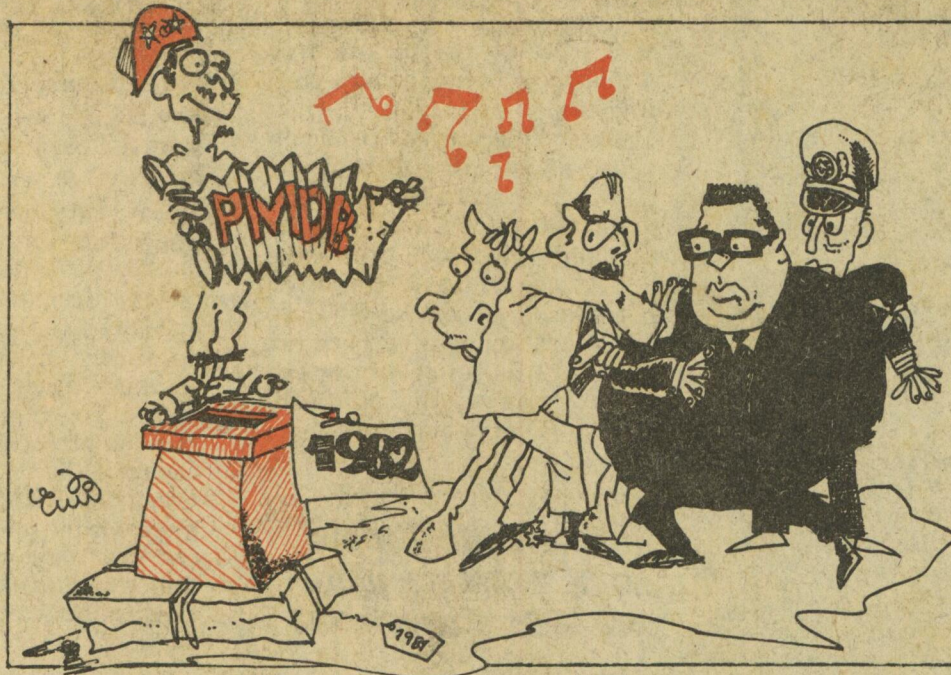
as torturas e assassinatos porque a situação política não lhes permite.

Que ninguém se iluda. Enquanto não se liquidar o regime militar e enquanto não se revogar a Lei fascista de Segurança Nacional e todas as leis de arbítrio, os brasileiros não terão segurança.

As campanhas contra a LSN que aparecem em todo o país, por iniciativa de democratas, entidades jurídicas, partidos políticos, setores da Igreja, precisam encontrar formas práticas de se unificarem e de se espalharem por todo lado criando uma forte corrente de opinião pública em favor da liberdade e dos direitos do cidadão.

Na campanha eleitoral em curso, uma das tarefas essenciais de todos os candidatos oposicionistas e de todos os democratas que os apoiam é reforçar a denúncia desta aberração jurídica que coloca todos os que discordam do governo como criminosos e como cidadãos de segunda classe — já que qualquer pessoa condenada por esta lei, mesmo depois de cumprir a pena é proibida de candidatar-se a qualquer cargo eletivo e é inclusive vetada no serviço público.

Uma exigência elementar dos brasileiros que a primeira medida a ser tomada por uma maioria parlamentar de oposição no Congresso Nacional seja a imediata revogação da Lei de Segurança Nacional — e não um simples remendo, como pregam alguns vacilantes. Este é um compromisso indispensável que deve ser assumido publicamente por qualquer candidato que se apresenta para pedir votos aos trabalhadores e democratas em nosso país. Acabar com a Lei de Segurança não basta para liquidar o regime, mas é um baluarte importante da reação que deve ser combatido de forma unitária por todas as correntes de oposição.



A festa entreguista do Projeto Grande Carajás

Generais dão a Amazônia de presente aos imperialistas. Pág. 8

Bóias-frias de Goiás esquentam a luta salarial

A campanha da Fetag, na página 5

Maurício Grabois, o comandante da luta do Araguaia

A vida e luta de Grabois na pág. 7

Jagunço a soldo do biônico Ary Valadão mata posseiro e entrega sua carne aos cães

fala o POVO

O homem do campo despertou e está decidido a quebrar as cercas dos velhos "currais eleitorais" governistas. Os diretórios do PMDB se multiplicam e grandes comícios oposicionistas reúnem cidades em peso nas mais remotas cidades do país. A *Tribuna* fez um levantamento deste movimento irresistível em vários Estados da Federação. Veja na página 3.

Brizola prefere vitória do PDS contra o PMDB

O ex-governador gaúcho em vez de se unir a todos os democratas para derrotar o PDS resolveu colaborar com o governo contra o PMDB. Pág. 8



Ocupantes do Centreville cumprimentam o candidato, que comprometeu-se com a luta

Montoro no Centreville apóia os trabalhadores

A caravana peemedebista no ABC reuniu muitos milhares. Página 8

caí no jogo do governo. Fundação Maurício Grabois

A cúpula petista de Curitiba entregou o PMDB ao PDS. Pág. 4

Milhares de israelenses exigem a queda de Begin

A covarde chacina de milhares de civis nos campos palestinos de Sabra e Chatila já começou a vitimar os seus próprios autores. Dentro do próprio Estado de Israel se ergue uma impressionante onda de indignação contra o governo genocida de Begin e Sharon. No sábado cerca de 400 mil pessoas exigiram nas ruas a sua renúncia.

O desmoronamento do governo Begin começou com o desmentido das suas sucessivas versões de não envolvimento no massacre pelos próprios jornais israelenses. O governo ficou tão desmascarado que o próprio ministro de Defesa, Ariel Sharon, foi forçado a reconhecer publicamente no Parlamento que havia planejado toda a operação. Mesmo assim o governo queria evitar a todo custo a criação de uma comissão de inquérito para apurar as responsabilidades. E mesmo depois do depoimento de Sharon, derrotou esta proposta no Parlamento por 48 votos a 42.

Em todo o país os protestos contra o governo assassino

Mas a exigência desta comissão e da renúncia de Begin tomou conta de amplos setores da sociedade israelense. Até o presidente da República, Itzhak Navon, que só tem poder simbólico, veio a público para reforçar a necessidade da



Manifestantes gritam "assassino", diante da casa de Begin.

comissão de inquérito. A população israelense, como que sacudida pela insanidade guerreira de seus governantes, ergueu um impetuoso e incontrolável movimento de protesto.

Manifestações anti-governamentais se espalharam pelo país. A casa de Begin foi cercada. Qualquer aparição pública de representantes do governo era recebida por gritos de "assassinos, assassinos". A fazenda de Sharon foi cercada por tratores da

federação dos "kibutzim" numa ação de protesto. E a gigantesca manifestação de sábado, de dimensões sem precedentes no país, reuniu nada menos do que 10% da população de Israel nas ruas de Telaviv.

Acuado pela pressão popular Begin tentou manobrar indicando o presidente do Supremo Tribunal, Yitzhak Kahan, para conduzir uma investigação limitada sobre a matança nos campos de refugiados. Mas o próprio Kahan recusou, afirmando não ter instrumentos legais para conduzi-la.

Enquanto isto, numerosas personalidades do governo começaram a romper com Begin. Primeiro foi o ministro das Energias, Itzhak Berman. A ele se seguiu o administrador dos territórios ocupados da Cisjordânia e Gaza. O professor Nenahe Milson. O comandante da Escola Militar, general Amram Mitzna também abandonou o governo, seguido de três outros generais da ativa. Os pedidos de demissão de altos funcionários do Estado crescem dia a dia.

A nível internacional o isolamento do governo sionista atingiu até mesmo a comunidade judaica. Nos Estados Unidos as três maiores comunidades judaicas criticaram Begin e exigiram a formação da comissão de inquérito. Na ONU, só os EUA votaram com Israel contra uma resolução que condenava Telaviv e criava uma comissão própria da ONU para investigar o morticínio.

O Estado militarista se desmascara junto com seus governantes

Vendo seu governo por um fio, Begin voltou atrás e concordou em formar a comissão de inquérito com plenos poderes para apurar os responsáveis pelo massacre. Um próximo passo, se os ânimos não se acalmarem, pode ser o afastamento de Sharon do ministério de Defesa. Mas nada disso deverá controlar o sentimento de oposição interna que já assumiu proporções incontroláveis. Tudo indica que o governo do grande assassino Menahem Begin está com os dias contados.

O povo judeu, até então anestesiado pela propaganda sionista, começa a despertar. Junto com o desmascaramento de Begin, vai caindo toda a argumentação para manter o Estado militarista e sionista em Israel. (Luís Fernandes)



Begin, ao que tudo indica cairá vítima de seus próprios crimes

Dirigente da OLP assassinado

Um comando terrorista de Israel assassinou no dia 27 de setembro o general Saad Sayel, mais conhecido como Abu Walid, membro do Comitê Central da Al Fatah e chefe de operações da Organização pela Libertação da Palestina, OLP. Cerca de 30 homens armados de

luzes e lança-granadas atacaram a comitiva que acompanhava Walid, deixando vários feridos, quando o dirigente guerrilheiro fazia uma viagem de inspeção.

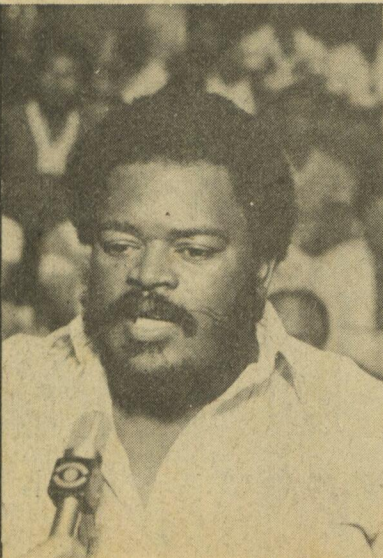
Abu Walid foi o responsável pela heroica resistência em Beirute contra as tropas sionistas. Foi dos últimos a abandonar a cidade sitiada mas logo depois retornou ao Líbano, dirigindo-se ao Vale do Rio Bekaa, onde a OLP mantém cerca de 10 mil guerrilheiros, para prosseguir a luta contra a ocupação do país e pelos direitos do povo palestino.

O dirigente assassinado foi membro do exército jordaniano e já há muito tempo apoiava a causa dos palestinos, o que lhe valeu duas prisões, em 1958 e em 1962. Em 1970, quando no chamado *setembro negro* os palestinos sofreram uma brutal repressão na Jordânia, Walid incorporou-se definitivamente às forças armadas da OLP. Sua morte faz parte de uma série de crimes indiscriminados, contra palestinos e libaneses que se recusam a silenciar diante da opressão sionista.



Abu Walid, assassinado por Israel

"A história da imprensa alternativa tem na Tribuna Operária um dos seus baluartes em defesa do povo. Não deixe esta chama se apagar. Dê uma resposta aos que querem amordaçar a imprensa que informa o povo sobre a corrupção, a grilagem, a matança dos trabalhadores. Companheiros, leiam e assinem a Tribuna Operária". (Nilson Bahia, presidente do Sindiquímica da Bahia e membro da Pró-CUT)



Colabore com a campanha de assinaturas da Tribuna Operária

Desejo receber em casa a Tribuna. Envio anexo cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, Travessa Brigadeiro Luis Antonio, 53 - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318. Anual de apoio (52 eds.) - Cr\$ 5.000,00 Semestral de apoio (26 eds.) - Cr\$ 2.500,00 Anual comum (52 eds.) - Cr\$ 2.500,00 Semestral comum (26 eds.) - Cr\$ 1.250,00 Nome:..... Endereço:..... Bairro:..... Cidade:..... Estado:..... CEP:..... Telefone:..... Data:..... Profissão:.....

Social-democracia cai do galho na Alemanha

Depois de balançar ainda por uma semana, o governo alemão-ocidental social-democrata do chanceler Helmut Schmidt finalmente caiu. No seu lugar sobre um novo governo, encabeçado pelo direitista democrata-cristão Helmut Kohl, em aliança com os liberais de Hans Dietrich Genscher. Foi uma derrota da social-democracia em seu mais forte bastião no mundo.

Por alguns momentos, depois das eleições no Estado de Hesse, pareceu que o governo social-democrata ainda sobreviveria por algum tempo. Estas eleições foram uma espécie de teste para ver como o eleitorado encarava a guinada do Partido Liberal, que abandonou seus ex-amigos social-democratas e aliou-se com os democratas-cristãos. O resultado foi uma catástrofe para o partido de Genscher. Sua votação caiu de 6,6% para 3,1%, ficando abaixo do mínimo de 5% para eleger deputados.

A derrota flagrante aprofundou a crise interna dos liberais. Setores expressivos do partido começaram a questionar a aliança tratada por Genscher e exigir sua renúncia. Já se especulava que uma parte da bancada de 52 deputados federais liberais se negaria a aprovar o voto de censura que derrubaria o chanceler Helmut Schmidt.

CHUMBO GROSSO À VISTA

Na terça-feira, houve uma dramática reunião de nove horas, entre Genscher e a bancada parlamentar, para discutir a crise. Ao final, já de madrugada, os liberais engoliram tudo: aumento de impostos, cortes no



Trabalhadores fazem marcha fúnebre pela perda de empregos; vai piorar

sistema de previdência social, veto a ministros — pontos considerados inaceitáveis ainda há duas semanas. Com o compromisso assinado, Genscher, Kohl e o ultra-reacionário Josef Strauss anunciaram à imprensa a moção de censura que derrubaria Helmut Schmidt na sexta-feira.

No fundo foi uma vitória da linha de chumbo grosso contra a classe operária alemã. É a burguesia que descarrega a crise sobre os trabalhadores, na forma de mais desemprego e queda do nível de vida da população.

Foi também uma prova da impotência da social-democracia para resolver os problemas da crise. Depois de passarem todo o após-guerra votando nos social-democratas, os operários começaram a descobrir que por este caminho não chegarão a parte alguma. Tanto assim que a

grande surpresa nas eleições em Hesse foi o crescimento dos "verdes" — o partido ecologista, que teve 8% dos votos. Embora com posições de esquerda, os "verdes" sempre fizeram severas críticas ao governo social-democrata.



Helmut Kohl, o novo chanceler

Imperialistas aplaudem Figueiredo

O discurso do general Figueiredo segunda-feira, na abertura da 37ª sessão da Assembleia Geral da ONU, foi cuidadosamente preparado pelos estrategistas do Planalto. Preparado inclusive buscando uma repercussão eleitoral, favorável ao PDS. Um forte esquema publicitário tentou "vender" a imagem de um Figueiredo estadista, aplaudido por 157 nações.

Mas quem foi mesmo que aplaudiu Figueiredo? As reações ao discurso mostram: os aplausos mais fortes partiram justamente dos representantes de grandes potências espoliadoras. George Shultz, secretário de Estado dos EUA, cumprimentou pessoalmente o general. "Foi um excelente discurso — disse — muito compreensível. Eu o acompanhei com muito, muito interesse". O representante da

URSS na ONU, Oleg Troyanovsky, concordou: "O presidente fez um bom discurso. Ele apontou os perigos da situação presente". Em Brasília, um conselheiro da embaixada alemã disse também: "As palavras do presidente Figueiredo mostram um sentido muito positivo".

ESTILO DE PELEGO

Tanto entusiasmo poderá parecer estranho, já que Figuei-

redo posou de líder dos países explorados e dependentes, descobrindo até que "a interdependência (entre as nações) parece reduzir-se a um novo nome para a desigualdade". Mas não há mistério. Figueiredo limitou-se a enumerar alguns dos numerosos grandes problemas do mundo atual, assolado pela crise capitalista. Não tocou nas suas causas. E na hora de propor soluções, limitou-se aos apelos à generosidade das potências imperialistas, ao mesmo tempo em que declarava que "é preciso evitar a derrocada do sistema".

Assim, não é de admirar que os exploradores do Brasil e de tantos outros países dependentes tenham perdoado com condescendência as bem-comportadas queixas do general. Figueiredo agiu no estilo dos pelegos sindicais: limitou-se a choramingar. Prestou inclusive um favor aos poderosos do mundo, canalizando para o leito da submissão as inquietações de muitas nações ansiosas por obter a verdadeira independência.

Certos analistas brasileiros, inclusive da oposição, têm o hábito enganoso de separar o que os generais fazem aqui dentro e no exterior. Esquecem que a política externa de um governo é o prosseguimento da sua política interna. E que quando Figueiredo, em Nova Iorque, fala em "respeito à democracia e aos direitos humanos", em "soberania nacional", etc.



O general fala na ONU; quem gostou foram os EUA, URSS, Alemanha...

Tribuna Operária

Endereço: Travessa Brigadeiro Luis Antonio, 53, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318. Telefone: 36-7531 (DDD 011) Telex: 01132133 TLOP BR

Jornalista responsável: Pedro Oliveira Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Oliveira Rangel. Sucursais: Acre: Rua Belém, 91, Estação Experimental, Rio Branco, CEP 69900. Amazonas: Rua Simonstovani, 231-A, Pça. da Saúde, Caixa Postal 139 Manaus, CEP 69000. Pará: Rua Aldeias Lobo, 620 - Centro - Belém, CEP 66000. Maranhão: Rua da Paz, 117 - Altos - Centro

São Luiz — CEP 65000. Piauí: Rua Simplicio Mendes, 150, sala 7 - Teresina CEP 64000. Ceará: Rua do Rosário, 313-sala 206 - Fortaleza - CEP 70000. Paraíba: Rua Padre Meira, 30 - sala 108 Centro - João Pessoa - CEP 58000 - Rua Venâncio Neiva, 318 - 1º andar - Campina Grande - CEP 58100. Pernambuco: Rua 7 de Setembro, 42 - 7º andar - sala 707 - Boa Vista - Recife - CEP 50000. Rua 13 de Maio, 85, 1º andar, sala 3 - Garanhuns - CEP 55300. Alagoas: Rua Cincinato Pinto, 183 - Macaio - Centro - CEP 57000. Sergipe: Rua João Pessoa, 299 - sala 28 - Aracaju - CEP 49000. Bahia: Rua Senador Costa Pinto, 845 - Centro - Salvador - CEP 40000. Av. Getúlio Vargas, 260 - sala 101 - Feira de Santana - CEP 44100. Rua Cari - CEP 42800. Av. Juracyl Magalhães, 180 - sala 204 - Ilhéus - CEP 45600. Minas Gerais: Rua da Bahia, 573 - sala 904 - Centro - Belo Horizonte - Tel 221-7300 - CEP 30000. Rua do Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Goiás: Cons. Juracy Magalhães, 13 - sala 101 - Goiânia - CEP 74000. Goiás: Av. Goiás, 657 - sala 209 - Centro - Goiânia CEP 74000 - Tel. 225-6689. Distrito Federal: Ed. Goiás - sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa 548 - Cuiabá - Tels. 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Rua General Osório, 127 sala 908 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua São José, 90 sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000. Rua Carvalhoso de Souza, 155 - Lapa - F. - Madureira - Rio de Janeiro - Av. Amarel Peixoto, 370 - sala 807 Centro - Niterói - CEP 24000. São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubatuba, 1716 sala 9 1 andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100. Paraíba: Av. Winston Churchill, 2030 - sala 3 - Pinheiro - Curitiba - CEP 80000. Rua Sergipe, 892 - salas 7 e 8 - Londrina - CEP 86100. Rio Grande do Sul: Rua General Câmara, 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000. Rua Dr. Montaurio, 658 - 1 andar - sala 15 Caxias do Sul - CEP 95100. A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Imprensa Gráfica Editora J. J. J. Rua da Bahia, 548 - Cuiabá - Fone 531-8900 - São Paulo

Fundação Maurício Grabois

O povo do interior votará na oposição

Um movimento grandioso se espalha da selva amazônica ao pampa gaúcho: é o deslocamento do homem do interior para a oposição. Dia 16 de novembro, quando se abrirem as urnas, ele deverá jogar por terra muito cacique do PDS.

Se o regime dos generais sempre serviu antes de tudo às multinacionais, aos grandes banqueiros e industriais monopolistas, sua grande base de apoio político-eleitoral é o latifúndio. Basta olhar os figurões do partido governista, presidido pelo grileiro maranhense José Sarney. Através de gerações, o latifúndio montou no interior um rígido controle político — apoiado na violência e no medo, na corrupção e na ignorância.

Ainda nas últimas eleições, em 1978, o MDB nem existia em dois terços dos municípios do país. E foi derrotado nos "currais" interiores do governo, embora ganhasse de longe nas capitais e centros

operários. No município baiano de Santa Brígida, a oposição só teve um voto!

Hoje isto mudou. O homem do campo rebela-se contra o governo. Luciano Siqueira, jovem médico e candidato a deputado estadual pelo PMDB em Pernambuco atesta: "Tenho percorrido municípios dos mais atrasados, em contato com o agricultor. É impressionante como, espontaneamente, ele reclama não apenas da falta de terra, mas também da carestia e do Pacote da Previdência". A Tribuna percorreu seis Estados, que englobam cerca da metade do eleitorado rural brasileiro, e constatou o seguinte quadro:

A grande surpresa do Sertão pernambucano: a oposição vai duplicar os seus votos

Em 1976, o MDB pernambucano tinha cem diretórios municipais; hoje tem 153. Lançou 120 candidatos a prefeito, em 76 municípios; agora lança 220, em 145 cidades. No sertão, principalmente, o voto de cabresto para o governo chegava a neutralizar a tradicional votação oposicionista de Recife. Em 1978, Jarbas Vasconcelos, candidato da oposição ao Senado, teve 18% dos votos sertanejos. Mas em novembro o PMDB espera mais do que dobrar esta porcentagem.

A aguerrida deputada federal Cristina Tavares dá como exemplo o Sertão do Pajeú, onde a oposição de-

verá ter seis vezes mais votos que em 1978, e comenta a revolta dos sertanejos com a corrupção durante a seca: "O roubo foi tanto nas frentes de emergência que o SNI interferiu, duas vezes, sendo a primeira na operação chamada Chapéu de Couro".

Foi num comício no Pajeú, em Caraíbas, que um candidato do PDS-3 subiu no palanque, deu apoio ao PMDB e retirou sua candidatura. Já no Agreste, os comícios de Marcos Freire juntam 8 mil pessoas, como em Bezerros, ou mesmo 10 mil, como em Garanhuns, o dobro do que o general Figueiredo reunira um mês antes na mesma cidade.

Dez candidatos a vereador e prefeito na cidade baiana onde o MDB só tinha um voto

A virada mais sensacional talvez seja a do PMDB baiano, que saltou de 60 diretórios municipais em 1978 para 275 agora. Há quatro anos, o governo elegeu seu senador com 500 mil votos de vantagem, dos quais 400 mil só nas 155 cidades da região de Paulo Afonso, onde o MDB nem existia. Ali era reduto fechado. Hoje o PMDB organizou-se e lançou candidatos na grande maioria destas cidades. Até em Santa Brígida o eleitor oposicionista solitário de 1978 tornou-se uma força, que lançou 12 candidatos a vereador, mais o lavrador Davi Vieira para prefeito.

Em Santa Maria da Vitória, região de Além São Francisco, onde o latifúndio assassinou o advogado Eugênio Lyra em 1976, o governo ganhou as últimas eleições por 7 mil votos contra 456. Hoje compareceram 3 mil pessoas só num comício do PMDB.

Já na região de Itapetinga, uma série de comícios oposicionistas reuniu este mês mais de 30 mil pessoas. Só a cidade de Itambém, com 5 mil eleitores, juntou 4 mil pessoas. E isto quando os 13 municípios da região nunca tiveram um



PMDB em ação em Santa Maria da Vitória, onde a oposição teve 456 votos contados em 1978.

prefeito oposicionista desde 1964!

Um subproduto deste avanço é a erosão do PDS, como ocorre em Pirituba, onde Vanderlino Pereira, vítima de um golpe governista, mudou-se do PDS para o PMDB junto com cinco vereadores.

E isto acontece no Estado cujo governador, o fanfarrão Antonio Carlos Magalhães, dizia ser reduto garantido do PDS, segundo ele, ganharia as eleições por mais de 1 milhão de votos.

Quatro anos de seca no Ceará ajudaram a sacudir os currais eleitorais do PDS

No Ceará, os 60 diretórios emedebistas de 1978 são hoje 136, dos quais 32 no Sertão do Cariri, tradicional reduto governista dos bezerra. Já em Sobral a oposição, antes frágil, sempre apoiando um ou outro coronel do PDS, reorganizou-se e colocou 3 mil

pessoas em praça pública, numa passeata, na convenção municipal do PMDB.

Uma causa disso foram os últimos quatro anos de seca no Estado, que o governo tratou com descaso e corrupção.

Seis mil maranhenses foram ouvir Ulysses Guimarães no comício de Santa Inês

O antigo MDB maranhense, um dos mais anêmicos do país, nem lançou candidato a senador em 1974. Tinha de 30 a 40 diretórios, para um total de 130 municípios. Em 1976 elegeu oito prefeitos, mas todos se passaram para o governo. Ali, o revigoramento da legenda oposicionista deve-se à liderança do deputado cassado Renato Archer, candidato a governador, à incorporação de setores de outros partidos, e à ação do Bloco Popular do PMDB, liderado pelo médico Augusto Mochel.

Hoje o PMDB lançou candidatos a prefeito em 95 municípios e a campanha ganha força no interior. Em Imperatriz, a maior cidade interiorana, com mais de 50 mil

eleitores, fazem-se dois a três comícios todo dia. Em Santa Luzia, no "Quilômetro Cem", por duas vezes já se juntou mais de 2 mil pessoas em comícios da oposição. Em Santa Inês, uma multidão de 6 mil populares acolheu o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães. Em Bacabal sucedem-se as palestras nos bairros. Em Zé Doca são as visitas diárias aos povoados.

Em Esperantinópolis e Lago da Pedra, as visitas dos candidatos de casa em casa.

Assim o interior — que tem 85% da população maranhense — vai rompendo os currais eleitorais de José Sarney e companhia, prenunciando um forte avanço da oposição.



PMDB em ação em Santa Maria da Vitória, onde a oposição teve 456 votos contados em 1978.

Em Minas o povo de Inhapim foi em passeata buscar o "homem da virada"; em Goiás a disputa para governador empurra o PMDB

Minas Gerais, hoje um Estado urbanizado, conserva um numeroso eleitorado rural, que também se desloca para a oposição. O antigo MDB tinha 292 diretórios. O PMDB atual vai disputar a prefeitura em 687 municípios, com dois candidatos em média por cidade. E o senador Tancredino Neves, candidato oposicionista ao governo do Estado, espera ser bem votado mesmo nos 35 municípios restantes.

Em três semanas de caravana recente pelo Vale do Aço e Zona da Mata, Tancredino falou em comícios para mais de 250 mil pessoas. Em Inhapim, antigo reduto do governo, o povo nem esperou o candidato chegar à praça da Matriz de São Sebastião — local do comício. Foi em passeata, com mais de 4 mil pessoas, buscar o "homem da virada", como

gritavam, na residência onde ele se hospedava.

Outra demonstração de força do PMDB deu-se em Caratinga, o maior núcleo da antiga Arena. Oito mil caratingenses foram ver e ouvir Tancredino Neves. Na praça principal de Lavras, não menos de 7 mil pessoas elevaram as mãos com os dedos estendidos — o sinal do cinco, número eleitoral do PMDB.

"Em Goiás a grande motivação do eleitorado do interior em votar na oposição, além do agravamento das condições de vida do trabalhador rural, foi o fato de hoje haver a perspectiva da oposição eleger o governador do Estado". Quem faz a observação é Eurico Barbosa, ex-deputado estadual cassado pelo Ato-5, que lançou-se agora à reconquista do seu mandato. E realmente, em

Economia explica porquê a mudança

Uma mudança política envolvendo milhões, como a que ocorre no interior, além de exigir muita luta tem sempre uma base econômico-social. Não é por acaso que as cercas dos "currais eleitorais" vêm abaixo e o homem do campo toma posição contra o governo. Alguns números do Censo de 1980 mostram o porquê da mudança.

Entre 1970 e 1980, a população ativa na agricultura ficou estacionada em 13 milhões, enquanto a renda agrícola crescia 2,3 vezes. Com quem ficou esta renda? Não foi com o trabalhador rural. Ela concentrou-se no latifúndio, e muito especialmente no grande latifúndio aburguesado voltado para a exportação, nas áreas de soja, do café e do Proálcool. Para lá convergiu a parte gorda do crédito rural, do qual 30% foram desviados para o open market, segundo Kleber de Castro, do Banco Central.

A propriedade também concentrou-se. A área total das propriedades de menos de 50 hectares ficou congelada em 45 milhões de hectares, enquanto os latifúndios de mais de

mil hectares saltaram de 116 milhões para 169 milhões de hectares em apenas dez anos!

Sabe-se quanto isso tem custado: ruína dos pequenos proprietários, êxodo maciço, multiplicação dos boias-frias. E sabe-se que o regime militar é o culpado. Não admira que o homem do interior volte-se contra ele.

Ao mesmo tempo o campo aproximou-se da cidade. Entre 1970 e 1980, a população dos municípios com menos de 10 mil habitantes caiu de 25 para 24 milhões de habitantes; a dos municípios com 10 a 50 mil habitantes subiu de 35 para 42 milhões; e a dos municípios com mais de 50 mil habitantes pulou de 32 para 53 milhões. Em contato com a vida urbana, o homem do interior abriu seus horizontes.

Além disso houve a intensa migração desses dez anos. Mais de 24 milhões de brasileiros mudaram de município, na maioria vindos da área rural, tocados pela crise agrária. Este foi outro poderoso fator que ajudou a quebrar e esvaziar os "currais" governistas.

Vale do Ribeira está com o PMDB

O Vale do Ribeira é a região do interior de São Paulo que mais se assemelha às áreas rurais do restante do país, tanto que é taxado de "o Nordeste Paulista". A condição do povo é de total abandono. Cerca de 50% dos moradores vivem subnutridos; de cada mil crianças que nascem, cem falecem com menos de um ano — o maior índice de mortalidade infantil do Estado.

Como não podia deixar de ser, o Vale também está com a oposição, quer derrotado o governo nas eleições. No último dia 26 realizou-se em Registro o I Encontro Popular de Apoio ao PMDB, reunindo cerca de 200 lideranças de sete municípios da região, 37 candidatos a vereador, nove a prefeito, três à Assembleia Legislativa e dois à Câmara Federal. No Encontro foram levantados



Aldo Rebelo aplaudido pelo povo no Vale do Ribeira.

os vários problemas da região em termos de saúde, educação e agricultura.

No final da noite houve um grande comício no centro da cidade, aglomerando mais de mil populares. Aldo Rebelo, candidato popular do PMDB a deputado federal, foi a grande atração do Encontro.

"Nesta região que vive da agricultura as pragas e as geadas atrapalham a vida do trabalhador. Mas o povo já sabe que sua miséria não é decorrência da natureza. Sabe que a maior chaga e praga é o PDS, os Maluf e os Figueiredos", afirmou Aldo, bastante aplaudido.

Voto camarão abala as bases do governo

Um subproduto da virada oposicionista e do voto vinculado aparece com força nesta campanha: o chamado voto camarão. Antigos caciques locais, em atrito com os chefes do PDS, pregam o voto apenas nos candidatos do município, mas não na "cabeça" — nos candidatos a governador e/ou senador.

Em Pernambuco, o pedessista Roberto Magalhães chega a dizer que respeita a oposição mas voto camarão ele não perdoa. É que este tipo rudimentar de deslocamento para a oposição faz estragos no Agreste Meridional, Vale do Ipojuca e Sertão do Araripe, incentivado por Cid Sampaio, hoje no PMDB. Em Fátima, o tráfego de votos que entrou no gabinete do prefeito de

o prodígio de "unir" as famílias arquiinimigas dos Sampaio e dos Alencar, ambas em campanha pelo camarão.

No Ceará, proliferam em toda parte cédulas de propaganda eleitoral do PDS sem indicar o candidato a governador, ou a senador. No Maranhão, a briga entre a oligarquia hegemônica de Sarney e outros grupos emergentes, assim como a disputa pelo bolim do Projeto Carajás, levam candidatos do PDS a pregarem abertamente o voto camarão.

O voto camarão reflete as brechas importantes que vão se abrindo nas bases interioranas do regime. Sem ser oposicionista, mostra descontentamento. E pode selar a sorte do PDS em

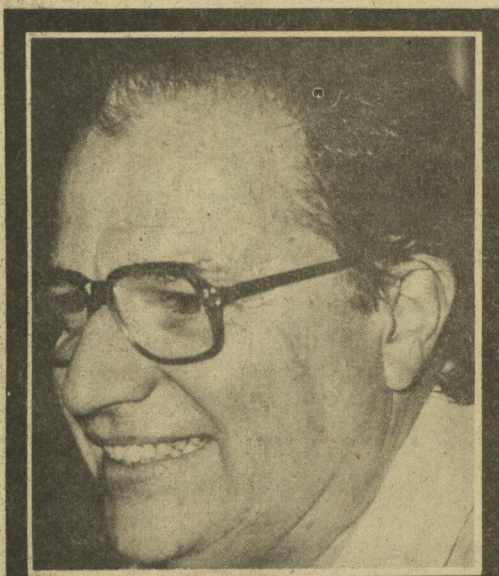
Que tal uma guerra ao PMDB?

O eleitorado paulista foi surpreendido dia 24 por uma "declaração de guerra" do PT ao PMDB. Falando à imprensa logo após uma reunião da Executiva Regional petista, o deputado Marcos Aurélio Ribeiro disse que em todos os comícios seu partido deverá frisar que "o PMDB não é um verdadeiro partido de oposição" e possui "compromissos com as forças mais reacionárias". Fica a pergunta: por que não uma guerra contra o PDS?

O episódio deliciou os figurões governistas do Estado, como o chefe da Casa Civil, Calim Eid, que não se cansa de repetir na imprensa as acusações do PT contra o maior partido da oposição. Obrigado a carregar nas costas a candidatura do pesadão e apagado Reynaldo de Barros, o PDS vê nessa "guerra" do PT ao PMDB, sua única chance de vitória.

Já o senador Montoro, reforçado pelo crescimento do seu favoritismo nas pesquisas eleitorais, respondeu com uma nota equilibrada mas incisiva: "Pretender transformar em fraqueza aquela que é exatamente a maior força do PMDB — a capacidade de aglutinar em torno do mesmo objetivo as mais diversas correntes que se opõem ao regime — é fazer o jogo de quem deseja manter tudo como está".

A **Tribuna Operária** ouviu pessoas representativas do pensamento democrático e operário, sobre a "declaração de guerra" do PT.



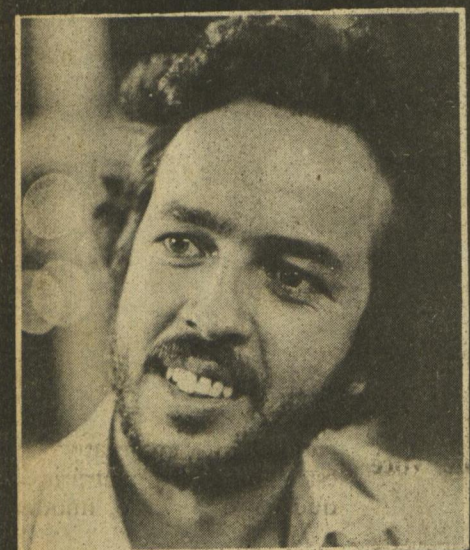
O advogado José Gregori presidiu por sete anos a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo; hoje milita no PMDB

"Se fosse possível fazer um plebiscito do povo..."

"Às vezes eu fico com vontade de propor um comício conjunto do PMDB e do PT, por exemplo em Júlio de Mesquita, uma cidade que me impressionou porque é um pedaço de Biafra em São Paulo. E, na frente daquele povo tão marcado pela miséria, mas que não perdeu a esperança, gostaria de ver quem teria coragem de colocar estas pseudodivergências, que cabem bem apenas nos bares da rua Henrique Schauman".

"Acho que a guerra que deve ser travada é contra a estrutura autoritária que infelizmente ainda vigora, a qual só venceremos se colocarmos a mão nas feridas do sistema e ganharmos a confiança da opinião pública.

"Se fosse possível estabelecer um plebiscito do povo injustiçado deste Brasil, haveria a decisão quase unânime de que as oposições devem lutar juntas nesta fase de decolagem para a democracia. Quem quer a nossa desunião é o estado-maior do sistema. E eu hoje estou numa posição em que tudo que deixa feliz o sistema deve ser evitado".



João Batista Lemos, metalúrgico, do comando das grandes greves de São Bernardo em 1979/80, é da União dos Moradores do Centreville

"Não podemos desperdiçar o nosso voto de oposição"

"Achei que este posicionamento do PT vem colaborar mais uma vez com o PDS. É uma proposta conservadora, leva à conservação do regime".

"Nós, trabalhadores conscientes, sabemos que as eleições não vão resolver nossos problemas. Eles só serão resolvidos numa sociedade sem explorados nem exploradores, o socialismo proletário. Mas o caminho para isto é em primeiro plano a conquista da liberdade política".

"Nestas eleições nosso objetivo é vencer o partido do governo, para ficar mais fácil a gente derrubá-lo. Não podemos dividir o voto de oposição, despertar nosso voto. Temos que eleger os candidatos do PMDB, e aí, principalmente, os mais comprometidos com a nossa classe operária.

"Se a gente fica na questão de nomes, de pessoas, dificulta compreender o papel real dessas eleições. E se for para ver nomes, o PT de São Bernardo tem um candidato a prefeito, chamado Batistini, que foi da Arena, foi do PP, pulou para o PT por oportunismo e é de uma tradicional família de capitalistas de São Bernardo.

"Neste regime os trabalhadores não vão ter soluções para os seus problemas. Não é com um homem no governo que eles serão resolvidos. A gente deve é forjar, como eixo da frente democrática, um grande movimento de unidade popular, a união dos operários e camponeses, porque é a eles que mais interessa a democracia, um regime de bem-estar e justiça".

PDS desesperado agride Cintra

A Câmara Municipal de São Paulo virou ringue de luta livre na tarde de quarta-feira, dia 29. Os vereadores do PDS tentaram aprovar às pressas 32 projetos encaminhados pela prefeitura que, entre outros milindres, beneficiava os candidatos situacionistas às eleições de novembro.

Só que encontraram a resistência do popular vereador do PMDB, Benedito Cintra, que agora é candidato à Assembleia Legislativa. Cintra, para impedir a aprovação dos projetos, fez inúmeros pedidos de verificação de quórum e vários apartes. Ao verem prejudicadas suas metretas, os vereadores do PDS, irritados, foram para cima do oposicionista: o

arrogante Aureliano de Andrade tomou-lhe o microfone a força; enquanto o dedo-duro Geraldo Blota, traiçoeiramente, deu-lhe um soco nas costas.

Para se livrar dos ataques, Cintra partiu para a ofensiva, dando uma rasteira em Aureliano, que caiu de pernas para o ar. A partir daí a luta se generalizou, com toda a bancada de vereadores do PDS investindo covardemente contra Cintra. Geraldo Blota chegou a se armar com um cinzeiro de vidro. A briga só foi contida quando outros parlamentares intervieram. Mostrando-se histórico o antipopular Geraldo Blota não parou de gritar: "Comunista, vermelho".

NACIONAL

Lei fascista é usada contra a imprensa

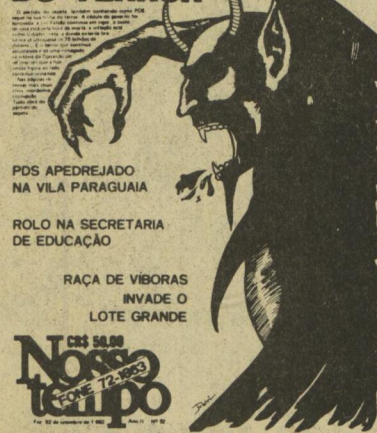
Desde o dia 28 o jornalista Juvêncio Mazzarollo, proprietário do jornal paranaense Nosso Tempo, de Foz do Iguaçu, encontra-se preso, enquadrado na Lei de Segurança Nacional. O jornalista Júlio Mesquita Neto, diretor d' O Estado de São Paulo, é processado pela mesma lei fascista.

Juvêncio foi condenado por ter divulgado em seu jornal matéria sobre a resistência dos agricultores expropriados pela Itaipu-Binacional, considerada "propaganda subversiva". Num outro processo ele é condenado por publicar o editorial "Não se tira leite de vaca morta", considerado ofensivo às autoridades governamentais. O Conselho Permanente de Justiça da 5ª Circunscrição Militar, de Curitiba, condenou-o a um ano de prisão, sem conceder-lhe o benefício da suspensão condicional da pena, o direito de se defender a apelar em liberdade.

Na mesma noite do julgamento ele foi detido em casa, sendo levado para o Presídio de Piraquara, bem distante de Foz do Iguaçu. Foi jogado numa cela isolada e em péssimas condições. Ela fica num local úmido e frio e seu colchão, jogado no chão, é fino. Só uma refeição foi lhe dada no primeiro dia de prisão.

Entidades democráticas e populares já iniciaram um

SINTA A PRESENÇA DO TERROR



Capa do jornal "Nosso Tempo"

movimento de pressão, exigindo que lhe seja dado "habeas-corpus" e de imediato que seja transferido para uma nova penitenciária, dando-lhe condições carcerárias mais condizentes com suas condições de preso político.

Quatro dias antes, o jornalista Mesquita Neto, do conservador **O Estado de São Paulo**, ea também enquadrado na Lei de Segurança Nacional, sob a acusação de ter ofendido o chefe do Gabinete Civil da Presidência, ministro Leitão de Abreu. Sentindo-se "ofendido", com o editorial publicado dia 16, sob o título "Cai a máscara de um liberal", o próprio Leitão pediu o enquadramento, que prevê reclusão de um a quatro anos.



Alencar: "o povo tem mais consciência do seu valor"

Alencar critica o "cabo" Figueiredo

No último dia 23 o deputado federal cassado do PMDB paranaense, Alencar Furtado, esteve em São Paulo para receber o título de "Cidadão Paulistano". Candidato à reeleição e membro do Diretório Nacional do PMDB, Alencar concedeu uma entrevista exclusiva a **Tribuna Operária**.

O que o senhor acha das repetidas advertências do general Figueiredo, de que é preciso ter governos estaduais harmonizados com o Planalto?

Alencar: O presidente Figueiredo deixou de ser general para ser cabo eleitoral, e com isto perdeu a autoridade presidencial. O seu argumento é eleitoreiro, aliciador, é de cabala de voto. Por isto mesmo é pretensamente intimidatório e caracterizadamente terrorista. De general para cabo a diferença é muito grande.

O senhor acredita que haverá medidas governamentais drásticas, impopulares e antinacionais, em relação à crise econômica, após as eleições?

Alencar: Acredito que o governo está sem rumo, perdido. A crise brasileira é total, avassaladora, possessiva, inextinguível sob o regime existente. As medidas até agora adotadas pelo governo não têm nenhuma preocupação social. O governo não adotará nenhuma providência que contrarie os interesses das empresas foraneas que ocupam o país. Isto porque os ministros, sobretudo os da área econômica, são testas-de-ferro de tais empresas, obedientes aos interesses e por isso antinacionais e antipovo.

O que mudou na atitude do eleitorado desde sua campanha anterior?

Alencar: O fato novo de maior significação é a preocupação constante da organização do povo. O próprio PMDB, inovando o seu programa, colocou como norma de ação o estímulo e a participação na organização popular. O povo tem mais consciência do seu valor. E os próprios governantes que sejam eleitos pelo PMDB só terão êxito, na sua gestão, se efetivamente colocarem o povo organizado no poder. Porque se antes havia um processo engatinhante de movimento popular, a coisa agora é mais orgânica e empolgante até áreas que estavam indiferentes.

Quais serão as formas de participação onde o PMDB for eleito governo?

Alencar: Como está no programa do PMDB, entendo que, desde o nível municipal, todos os eleitos pela legenda terão que investir grande parte do seu trabalho nesta tarefa de organização do povo. Como? Por exemplo, a Secretaria de Educação e Cultura é uma pasta que se debruça sobre os problemas dos alunos, dos professores e dos pais de família. Ora, os professores estão organizados; os alunos também; os pais tem suas APMs, precárias ainda, mas têm. Por que estes setores não elegem seus representantes para participar da Pasta da Educação? O mesmo com a Secretaria da Agricultura. Por que não levar os lavradores para lá? Esta é uma sugestão, sujeita a chuvas e trovoadas, mas está sendo estudada.

Miro quer unidade contra PDS

O PMDB do Rio de Janeiro realizou uma grande reunião, com 5 mil ativistas do partido, no dia 28. Convocada boca a boca, a reunião provou o grande poder de mobilização do partido no Estado. Miro Teixeira, candidato a governador do Rio, reafirmou na reunião que "o principal inimigo do PMDB é o partido do governo, o PDS" e que "é necessário que o PMDB vença as eleições e com muita diferença".

Dias antes da reunião, o governador adesista Chagas Freitas havia anunciado que assumiria a direção da campanha de Miro Teixeira. Mas na reunião Miro reafirmou que não aceita nenhuma outra direção, a não ser a da Executiva do PMDB e de sua assessoria.

A reunião animou os ativistas do PMDB a colocarem com ainda mais ofensividade a campanha do partido de oposição nas ruas, respondendo às agressões do governo e de outros partidos que fazem do ataque ao PMDB seu principal eixo de campanha. Foi distribuída uma nota, que reforça o caráter unitário da campanha e reafirma o combate ao PDS.

Atentado contra Freire

No sábado, dia 25, o candidato a governador pelo PMDB pernambucano, Marcos Freire, foi vítima de um atentado a bala. Por pouco o projétil não o atingiu. O PMDB denunciou que os atentados "são manifestações dos estereótipos do regime de arbítrio, incapaz de enfrentar a prova das urnas, após 18 anos de prepotência e mordomias".

Festa no interior

Dia 28 foi dia de festa no Engenho de Meio, interior de Pernambuco. Marcos Freire, candidato a governador, e Cid Sampaio, a senador pelo PMDB, visitaram a cidade e realizaram um comício com quase 4 mil pessoas. Os candidatos populares Luciano Siqueira, a deputado estadual; Eufrázio Elias, a vereador; e Cristina Tavares, a deputada federal, deram força ao ato oposicionista.

PDS pede socorro

Informa-se de Alagoas: a visita do ministro Mário Andreazza àquele Estado na semana passada deveu-se a pedido urgente do PDS local, temeroso de uma feia derrota em 15 de novembro. Percorrendo Arapiraca e outras cidades, o ministro da ponte Rio-Niterói tenta segurar as pontas.

Maluf foi pichado

A população de Jacupiranga, interior de São Paulo, preparou uma "calorosa" recepção para o candidato a deputado federal pelo PDS, o odiado ex-governador Paulo Maluf: pichou as ruas da cidade com os dizeres "Fora Maluf", "Maluf ladrão". E no comício do "governador trombadinha" só compareceram 50 pessoas, familiares de candidatos governistas locais.

Traição dos pedessistas

A Federação dos Trabalhadores Rurais da Bahia, cumprindo resolução da Contag, está conclamando todos os trabalhadores rurais a não votarem no PDS, o partido que aprovou o famigerado "Pacote da Previdência". Diz a Fetag: "Diante de tamanha traição aos trabalhadores em geral, cabe a nós denunciar esses falsos defensores de trabalhadores".

Valadão pode ser preso

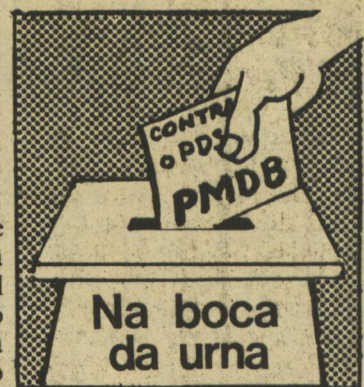
O PMDB goiano entrou com recurso perante o Tribunal Regional Eleitoral objetivando anular a candidatura de Otávio Lage ao governo do Estado pelo PDS. Se o recurso for aprovado, além de Otávio perder o direito de disputar o governo, o atual governador biônico, Ary Valadão, poderá ser preso pela corrupção praticada para ajudar o PDS.

Santillo apóia Aldo

Com a participação de quase 500 pessoas, o Bloco Popular do PMDB de Anápolis, Goiás, realizou no último dia 26 um Encontro Municipal. Na abertura Aldo Arantes, coordenador do Bloco Popular, recebeu o apoio do senador Henrique Santillo, que afirmou: "Estarei em todos os cantos do Estado para ajudar a eleição de Aldo Arantes".

Almerita na fila

A candidata a vereadora da Tendência Popular do PMDB de Vitória, Almerita Amaral, tem visitado as filas de INPS e de pagamento do



Na boca da urna

Estado, denunciando porque a situação do Espírito Santo está tão difícil — "a culpa é do governo e seu partido, o PDS. Muitos professores e funcionários públicos estão se incorporando à campanha de Almerita".

Perversor de crianças

Escândalo! Em Morro do Chieú, interior baiano, até crianças de oito anos estão recebendo Título de Eleitor, e para votar em novembro. Os responsáveis diretos pelo crime eleitoral, eram as duas facções do PDS local. Mas o responsável maior é o governador baiano, o truculento Antonio Carlos Magalhães, que comanda toda sorte de manobras para impedir a derrota do governo no Estado. Depois dessa o famigerado ACM ganhou mais uma alcinha: "o perversor de crianças".

"Só tem conversa"

O boletim "Encontro com as Comunidades", da Diocese de Propriá, Sergipe, alerta o eleitor para ter "cuidado" com os candidatos do governo, "que só têm conversa". Denuncia o boletim, que "o que se vê todo o dia no Brasil é carestia desenfreada, polícia perseguindo quem faz greve, grilagem contra os lavradores, prisão de padres e posseiros no Pará e calúnias sujas contra a Igreja".

PT contra a oposição

Mais uma do PT contra a oposição: em São Paulo a cúpula petista anunciou que investirá contra a propaganda eleitoral do PMDB porque apresenta Montoro como "o senador e o ministro dos trabalhadores". A argumentação é que isso prejudica o "Partido dos Trabalhadores".

Flagraram o PDS

Não teve jeito: a Polícia Federal viu-se obrigada a apreender, na Secretaria de Habitação do Município de São Paulo, propaganda do PDS, impressa ilegalmente e com gráfica, papel e dinheiro públicos. A PF vistoriou o local, "sem nada encontrar". Mas, mal saia do prédio, e um telefonema anônimo denunciava que o material estava no banheiro do órgão público.

A carta do Além

Segundo o jornal "O Estado de São Paulo", no dia 27 Brizola recebeu mensagem do além. Uma carta "psicografada de Getúlio Vargas", dizendo que quem "encarna" seus ideais são o próprio Brizola, Roberto Saturnino e... João Figueiredo. Até o Getúlio entendeu ao lado de quem Brizola anda!

Amizade colorida

Ainda sobre as ligações do petista com o PDS: José Isidoro tem um carro do governo da Paraíba para a sua campanha, com motorista e tudo. E não confirma, e nem nega, que recebe dinheiro do PDS para custear sua candidatura.

Mordomias para o PT

José Isidoro, candidato a deputado federal pelo PT da Paraíba, declarou, sem rodeios, sua amizade com o candidato do PDS ao governo do Estado: "Sou amigo de Wilson Braga desde os tempos de menino e não vai ser uma simples candidatura pelo PT que vai destruir esta amizade. De fazer amizade Romeu e Julieta...".

Vitória na greve dos canavieiros de Pernambuco

Greve de um dia dos 250 mil canavieiros de Pernambuco. Em plena campanha salarial os patrões decidiram suspender negociações e entrar com dissídio na sexta-feira, dia 24. A resposta dos trabalhadores rurais foi a imediata greve geral na Zona Canavieira. Nas assembleias realizadas a participação foi massiva, votaram cerca de 60 mil pessoas.

Com a participação da Fetape e da Contag, cujo presidente José Francisco esteve presente em todos momentos da mobilização, e com 80% da categoria parada, o Tribunal Regional do Trabalho realizou uma sessão em pleno domingo. "O Tribunal teve que julgar rápido, e nossa força, nossa união garantiram nossa vitória", diz o panfleto da vitória distribuído em toda a zona da cana.

As principais reivindicações da campanha deste ano foram conquistadas: definição de um preço para o corte de cana solta; salário família para os filhos menores de 14 anos; estabilidade para a mulher gestante desde o início da gravidez até quatro meses depois do parto e pagamento do repouso remunerado com base na produção. Todas as conquistas do ano passado foram mantidas.

Secundaristas de Campinas e Goiânia fazem congressos

No dia 26 de setembro os secundaristas de Campinas e de Goiânia realizaram congressos para eleição das novas diretorias de suas entidades municipais. Os estudantes das duas cidades não aceitaram as propostas divisionistas e sectárias a respeito das eleições de novembro. Foi aprovado pela ampla maioria o voto dos estudantes contra o PDS e a favor dos partidos de oposição.

Em Goiânia participaram 500 estudantes e 200 delegados no III Congresso da União Municipal dos Estudantes Secundaristas. Estiveram presentes entidades de classe dos professores: PMDB e PT. No IX Congresso da União Campineira dos Estudantes Secundaristas estiveram presentes 90 delegados, representando 30 escolas. (das sucursais)

Servidores vão ao PDS durante greve no Acre

A greve dos servidores municipais de Rio Branco, no Acre, conquistou vitórias parciais. Eles exigiam 60% de aumento, conseguindo 40% parcelado e mais 20% de reclassificação. Para Pascoal Torres, presidente da Associação dos Professores do Acre, "a outra vitória da greve é que ela desmascarou o candidato do PDS ao governo, que declarou que se fosse governador mandaria prender os grevistas. Ele foi vaiado nas assembleias". Cerca de 500 funcionários pararam do dia 20 até o dia 27. A polícia chegou a prender quatro grevistas e a agredir Pascoal. Agora os servidores se organizam para tirar o traidor-presidente da Associação dos Servidores Municipais, que defendeu o governo. (da sucursal)

Governo sergipano não atende meeiros sem terra

No dia 24 de setembro, 53 meeiros do Baixo São Francisco sergipano foram à Aracaju a fim de ter uma audiência com o governador. Como sempre não foram recebidos. Nessa região de Sergipe moram centenas de famílias em total abandono. Há seis anos essas pessoas esperam pelas indenizações devidas pela desapropriação de suas terras. E há seis anos a justiça enrola tentando vencer os meeiros pela fome e pelo tempo.

A luta já tem grande repercussão no Estado. Lá estiveram presentes o deputado federal Jackson Barreto do PMDB, candidato a reeleição, Bosco Rolemberg candidato do PMDB à deputado estadual, a Comissão Pastoral da Terra e o Sindicato dos lavradores de Porto da Folha e Itabi. (da sucursal)



Cena comum: crianças de 8 a 12 anos ajudando os pais no canavial dos fazendeiros.

600 mil bóias-frias iniciam campanha salarial em Goiás

Os 600 mil bóias-frias de Goiás já iniciaram o processo de mobilização para sua campanha salarial. A *Tribuna* conversou com Amparo Sesil do Carmo, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado (Fetaeg), que relatou as duras condições de vida e trabalho da categoria e sua árdua luta para melhorá-las.

O número de assalariados temporários tem crescido em Goiás, com a eliminação dos minifúndios e do sistema de arrendamento da terra. Amparo explica o porquê: "O salário do bóia-fria é uma esmola, variando de 200 a 400 cruzeiros a diária. Uns 80% da categoria não têm registro em Carteira, ficando desamparados. E o que mais facilita a ambição do fazendeiro é que o trabalho é temporário, só existe na época da safra. O trabalhador fica no máximo sete meses empregado, depois é jogado na rua".

Crianças de 8 a 12 anos de idade são obrigadas a trabalhar. "O pai precisa da ajuda do filho para sustentar a família. Para o fazendeiro isto é ótimo: os menores recebem menos e trabalham com mais agilidade na panha do algodão e na ralação da soja".

Alimentação, estudo, moradia e lazer,

direitos mínimos do ser humano, não fazem parte da vida do bóia-fria. "É comum a gente ver marmitas só com arroz, sem mistura. E a comida é gelada e azeda, pois fica esquentando no sol. A maioria esmagadora dos menores não estuda, pois sai de casa às quatro horas da manhã e volta lá pelas nove da noite. Sábado é dia de trabalho e no domingo só alguns ficam em casa, mas não tem ânimo e nem dinheiro para o lazer. Ficam mofando dentro dos seus barracos".

Não existe segurança no trabalho, sendo comum o envenenamento por defensivos agrícolas. "Em Santa Helena um trabalhador da cana foi intoxicado pelo mercúrio. Ficou inválido e espera a morte. Também é comum ver as mulheres vomitando na panha do algodão. O fazendeiro espalha o veneno para secar mais rápido o produto e apressar a panha".

Mas o pior na vida do bóia-fria é quando ele fica desempregado. "Quando termina a safra o pessoal cai na marginalização, o que extermina a família. Muitas garotas se prostituem e os garotos começam a roubar para poder comer. Os mais velhos caem na bebedeira, havendo um índice altíssimo de alcoolismo. Não sobra esperança, pois não há trabalho na cidade. Alguns viajam, são carregados como nos navios negreiros dos escravos, para Minas e Amazonas. Muitos morrem. Recentemente o Armazém Martins, de Uberlândia, levou para o Pará uns 35 bóias-frias; a gente soube que quatro morreram".

Devido a estas características, o trabalho de mobilização do setor é difícil. Neste sentido a Fetaeg decidiu que, na campanha salarial que ora se inicia em todo Estado, a prioridade número um da entidade será com os bóias-frias.

"Com as delegacias, os Sindicatos e a Fetaeg ficam mais próximos da base, podem conscientizar e organizar com maior facilidade. Já apreendemos que não adianta o Sindicato andar sozinho, sem toda a categoria dar respaldo". As principais reivindicações do setor são: fixação de um piso salarial único para todo Estado; registro em Carteira; fiscalização das fazendas e Reforma Agrária. (Altamiro Borges)



Na entressafra o bóia-fria perambula pelas ruas.

Sindicatos rurais se reúnem no oeste baiano

"Os sindicatos devem lutar pela saúde dos trabalhadores e seus dependentes, mas sem assumir todos os encargos. Devem denunciar a incúria dos governantes, organizar as lutas, fazer com que os direitos do trabalhador sejam mantidos e novos conquistados. Caso contrário os sindicatos acabarão sendo órgãos de amparo à velhice".

Foi assim que Dilermando Pinto Souza, da Fetaeg baiana, condenou o assistencialismo nos sindicatos durante o 2º Encontro Eugênio Lyra, que reuniu 42 delegados de 20 sindicatos de trabalhadores rurais da região oeste da Bahia, em Santa Maria da Vitória, de 19 a 22 de setembro. Eugênio Lyra, advogado dos trabalhadores rurais, foi barbaramente assassinado e anualmente os lavradores se encontram em sua homenagem.

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

Wilson Martins Furtado, presidente do Sindicato de Correntina abriu o Encontro. "Constata-se nos dias atuais que mais de 31 assassinatos foram praticados contra dirigentes, lideranças, posseiros e até advogados rurais sem que qualquer

punição seja aplicada aos mandantes e executores. Isso é consequência da debilidade do movimento sindical rural que ainda não consegue ir além das denúncias dos fatos. Precisamos de autêntica consciência de classe e comprometimento com as lutas".

Foram feitas denúncias de grilagens nos municípios de Côcos, Carinhanha, Oliveira dos Brejinhos, Ibotirama, Santa Maria da Vitória e Santa Rita de Cássia. Foi também denunciado o assassinato do posseiro Manoel Dias pelo grileiro Roberto de Souza Leão Neto. Os trabalhadores condenaram as medidas recentes do governo: a Lei do Usucapião Especial e a criação do Ministério da Terra.

Entre as conclusões do Encontro decidiram ativar o movimento sindical com um plano a ser cumprido até o 3º Encontro em setembro de 1983. No encerramento foi feita uma passeata em Santa Maria com faixas e cartazes exigindo punição para os assassinos de Eugênio Lyra, reforma agrária radical e fim das grilagens (Arthur de Paula-Salvador)

Javier fala sobre o Congresso da UNE

De Salvador, onde está confinado em liberdade vigiada, o presidente da União Nacional dos Estudantes opina, através da *Tribuna Operária*, sobre o 34º Congresso da UNE, que se realiza esta semana em Piracicaba, interior de São Paulo. Com um processo de expulsão do país, movido pelo governo militar, Javier espera pela resposta a seu pedido de naturalização no Brasil (ele nasceu na Espanha), onde mora há mais de 15 anos. Javier faz suas propostas para o Congresso da UNE e indica os rumos do movimento estudantil.



Javier pretende estar no Congresso da UNE em Piracicaba.

T.O. — Você vai ao Congresso da UNE?

Javier — Estamos há meses solicitando permissão legal para ir a São Paulo, mas até agora não obtivemos resposta. Meu desejo é participar e dirigir o Congresso, cumprindo as funções de presidente da UNE. Aguardo despacho do Ministro Relator do Superior Tribunal de Recursos, que pode ser favorável, e neste caso irei ao Congresso.

T.O. — Qual sua opinião sobre esse Congresso?

Javier — O Congresso da UNE é o mais importante evento do movimento estudantil neste ano. Ocorre num momento de crise da universidade brasileira, que se aprofunda a cada dia. Nele a UNE indicará as principais reivindicações estudantis no plano educacional, mobilizando os estudantes para derrotar o PDS nas eleições e fortalecendo a luta por minha naturalização. Reafirmaremos a luta pelo ensino público e gratuito, contra o ensino pago, que se deve materializar na campa-

nha conjunta com a ANDES, UBES, CPB, e endossada recentemente pela Comissão Pró-CUT.

T.O. — Como você acha que essas lutas devem ser encaminhadas?

Javier — O Congresso deve definir uma pauta de reivindicações como: mais verbas para Educação, contra os aumentos das mensalidades, fixados pelo governo, por seu rebaixamento. Os estudantes devem ter uma proposta sobre os princípios que devem nortear a universidade. Isso pode ser elaborado num Seminário Nacional sobre as mudanças que precisam ser feitas na universidade, como garantia da autonomia universitária, incentivo à pesquisa científica e à arte, ensino público e gratuito, democracia interna, ensino voltado para a realidade nacional, etc.

T.O. — E sobre as eleições de novembro, o que você propõe?

Javier — Defendo que o Congresso indique a participação dos estudantes através

do voto para derrotar o governo do ensino pago e de menos verbas para a Educação. O obstáculo maior que o povo tem para alcançar melhores dias é o regime militar. O único partido de oposição em condições de derrotar o governo é o PMDB. Mas a UNE, por ser apatridária, deve definir em Congresso que deve ser voto na oposição, contra o PDS.

T.O. — O Congresso deve eleger a nova diretoria da UNE. O que você indica a respeito?

Javier — Acho que a UNE deve ter uma diretoria combativa, que saiba fazer a política que interessa aos estudantes e ao povo brasileiro. Na minha opinião, a atual diretora do Departamento Feminino da UNE, Clara Araújo, é a pessoa em melhores condições de encabeçar a nova diretoria. Seria a primeira presidenta da entidade, representativa dos estudantes, ao contrário do que fez o governo, impondo aos estudantes a atual ministra da Educação, Esther Ferraz, a dama do ensino pago."

300 policiais jogam na rua famílias que ocuparam terra



A PM cerca o local para impedir a volta dos moradores às casas.

Eram 5 horas da manhã, quando os 300 policiais da Tropa de Choque e da Cavalaria chegaram ao Jardim São Paulo, na zona leste da capital paulista, para desalojar cerca de 300 famílias dos seus barracos. O terreno de 177 mil metros quadrados foi ocupado no início de agosto e dividido em mais de 800 lotes. A indústria têxtil japonesa Tzuki alegou ser dona do terreno e entrou com uma ação de despejo. prontamente a justiça atendeu, deixando ao relento centenas de brasileiros.

"Essa terra é nossa, não propriedade do Japão. E um dia nós vamos mudar essas leis", afirmou indignado um morador que foi despejado. Milhares de trabalhadores não conseguem sequer um palmo de terra para morar, enquanto 40% da área da cidade de São Paulo é constituída de terrenos baldios à espera de valorização. O vereador Benedito Cintra, do PMDB, afirmou aos ocupantes do Jardim São Paulo, que "o governo é o principal causador de toda esta situação, pois não garante casa para o trabalhador".

Vanda Silva, com seu filho de 11 meses no colo, assiste a uma assembleia dos moradores, debaixo da garoa e do vento frio no local. Ela não consegue esconder o seu ódio diante daquela situação: "É por isso que dá assassino e o povo está na miséria". Vanda chegou de Brasília há um mês e seu marido está desempregado. Ela trabalha como empregada doméstica. "Eu estava trabalhando quando recebi a notícia de que as minhas coisas estavam na rua. Meu marido saiu de madrugada e não sabe da situação".

A luta de um desempregado

O desemprego em massa vai empurrando milhares de operários para as favelas e terrenos baldios das grandes cidades. A situação do metalúrgico Maurílio Alves Peixoto, 42 anos, pai de seis filhos, desempregado, ilustra bem este drama vivido por inúmeras famílias de trabalhadores brasileiros. Doente, impossibilitado de trabalhar, Maurílio conta o seu drama, enquanto vê os

policiais cercando o Jardim São Paulo, rebatizado pelos moradores de Jardim Liberdade.

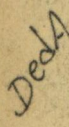
"Eu trabalhava de pintor de auto na Volkswagen de São Bernardo. Fiquei doente com úlcera, mas um dia antes de ser operado fui demitido. Desde março de 81 estou desempregado e não consegui nenhuma ajuda do INPS. Peguei este terreno aqui porque o aluguel da casa onde morava aumentou de Cr\$ 5 mil para Cr\$ 11 mil e aí não deu mais".

"Então eu fiz o barraco, feito só com madeira de portas usadas. Peguei o meu relógio, que ganhei de um sueco na Volks e troquei pelas portas. Hoje de manhã eu estava dormindo, os policiais me acordaram e deram o aviso de despejo. Eu pedi para eles esperarem pelo menos até eu receber a casa da Volks, que espero há dois anos. Mas não adiantou, fomos para a rua".



Maurílio: desempregado e sem casa.

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois



(um morador de Araguaína
— Goiás)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Burguesia e revolução

A burguesia nacional até certo ponto pode apoiar a luta revolucionária em defesa da soberania nacional e pela reforma agrária, uma vez que tem contradições com o imperialismo e com o monopólio da propriedade da terra. Mas sua posição é vacilante e conciliadora. Pretende resolver os graves problemas do país através de reformas, sem romper inteiramente com o capital estrangeiro e com o latifúndio. Sempre que há uma radicalização da luta política, a burguesia prefere entrar em acordo com as forças da reação, levando o movimento democrático ao fracasso.

CLASSE SUPERADA

A burguesia foi formada no Brasil em parte por grandes proprietários de terra que acumularam capital e se dedicaram à indústria ou ao comércio. Cresceu particularmente a partir da crise mundial do capitalismo que levou à I Grande Guerra de 1914 a 1918, aproveitando-se das brechas deixadas pelo capital inglês e americano, que já tinham grandes domínios sobre a economia brasileira. Neste período a burguesia já se tornara em todo o mundo uma classe historicamente superada e o proletariado, sob o impulso da grande revolução socialista de 1917 na Rússia, marchava para ocupar o seu lugar de vanguarda por um novo mundo. Ligada desde a origem com o latifúndio, desenvolvendo-se sob a pressão do imperialismo por um lado e da classe operária por outro, acentua cada vez mais o seu caráter inconsequente e vacilante.

Em 1964, setores mais radicais da burguesia nacional levantaram com força a bandeira das reformas de base. Ajudados pelos revisionistas de Luís Carlos Prestes, colocaram o movimento popular sob sua direção. Mas com o golpe militar de 1º de abril desse ano, capitularam e cederam o poder às forças mais entreguistas e mais reacionárias do país.

DISPUTA DE DIREÇÃO

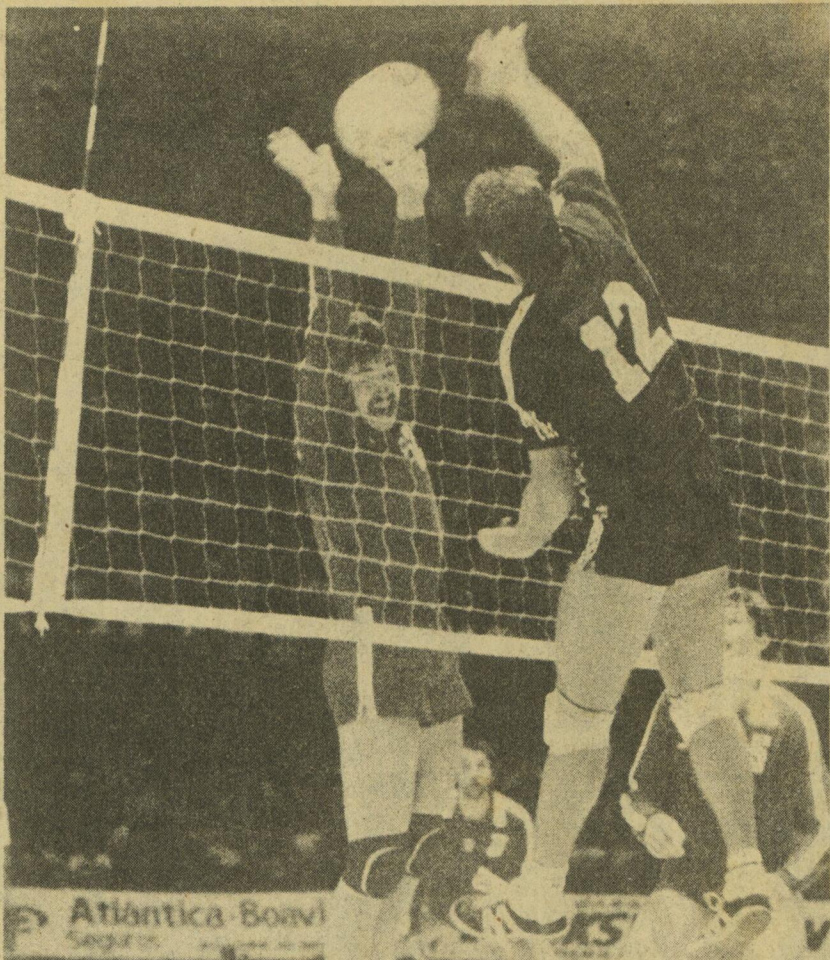
Sob a tutela dos generais, o governo golpista abriu inteiramente as portas do país ao capital imperialista. A burguesia brasileira evoluiu em sua maior parte para a formação de grupos monopolistas, em geral associados às multinacionais. Coloca-se assim contra os interesses da imensa maioria da população e contra a revolução.

Com o monopólio do poder nas mãos dos generais, importantes setores mesmo da grande burguesia, se colocam em choque com o regime militar. Tendem com isto, de imediato, a engrossar as fileiras dos que reivindicam um regime democrático no país. Mas ao mesmo tempo, procuram disputar a direção deste movimento democrático. Tratam de utilizar o movimento popular como instrumento de pressão para forçar os donos do poder a fazer concessões. Temem o proletariado e por isto procuram evitar a radicalização da luta através de compromissos com o regime. Apoiam-se mais uma vez nos revisionistas, hoje dirigidos por Giocondo Dias, para penetrar nas fileiras populares. Jogam também com o chamado Partido dos Trabalhadores para desviar as massas do caminho revolucionário diante da grave crise que amadurece no país.

ESCLARECER O POVO

O proletariado revolucionário tem que estar atento à atuação da burguesia nacional às flexões dos setores da grande burguesia que em determinados momentos tomam posições democráticas. É preciso saber combater as suas posições contra a revolução, mas ao mesmo tempo saber fazer os acordos táticos quando se manifesta e, favor da democracia. Precisa esclarecer o povo e não permitir que a burguesia exerça a direção do movimento de massas. A seguir, a aliança operário-camponesa.

Uma coletânea de artigos de Diógenes Arruda sobre a estrutura do partido leninista e formação de revolucionários. Pedidos à Editora Anita Garibaldi Trav. Brig. Luiz Antonio, 53, São Paulo, SP, CEP 01318.



Bernard (camisa 12), o melhor batedor da seleção de vôlei.

A jornada de estrelas do nosso vôlei

A seleção brasileira de vôlei acumulou mais uma forte credencial para ganhar uma medalha no Mundial da Argentina. A conquista do título do Mundialito, disputado no Rio pelas melhores equipes do mundo, confirmou o prestígio crescente do nosso vôlei no mundo inteiro e renovou as esperanças dos torcedores brasileiros.

Inegavelmente, 1982 será um ano histórico para o vôlei brasileiro. A seleção feminina, mesmo apenas mantendo a colocação entre as oito melhores no Mundial da Colômbia, fez uma campanha memorável no Mundialito de São Paulo, onde foi vice-campeã. A seleção masculina, porém, foi mais longe e tem demonstrado condições de ir ainda mais. Venceu de forma brilhante o Mundialito e seguramente fará boa presença no Mundial.

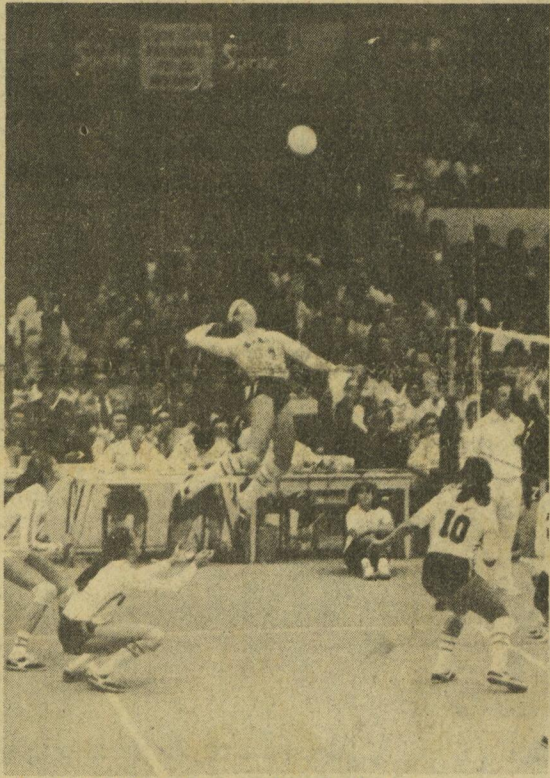
A vitória brasileira é marcante porque deste torneio participaram quatro das cinco melhores seleções do mundo: URSS, Bulgária, China e Brasil, estando ausente apenas o sexteto cubano. Essa seleção não perdia nenhuma decisão de título desde 1977, incluídos aí as Copas Mundiais, Européias e as Olimpíadas de 80. Não bastasse termos passado tão bem por esse rigoroso teste, massacraramos também a atual vice-campeã olímpica, a seleção búlgara, por três sets a zero.

O nosso time não é perfeito, como por exemplo vinha sendo considerada a equipe soviética. Apresentamos falhas nos bloqueios, na cobertura e também no

pivot defensivo. Mas o poder de ataque de Bernard e Renan, que jogam nas diagonais, e ainda com o concurso de Xandó e Fernando, faz tornar frágil a mais cerrada defesa. Sem esquecer os levantamentos mágicos de William e a regularíssima eficiência de Bernardinho.

E como não poderia deixar de ser, some-se um toque de malícia e criatividade, como convém a qualquer boa equipe de esporte coletivo brasileira. O popular saque "jornada nas estrelas", aprimorado pelo estupendo Bernard.

(Jessé Madureira)



A seleção feminina, ganhando destaque.

“Lei do Passe” não muda nem acaba, dizem os cartolas

Reuniu-se em São Paulo a Associação dos Presidentes de Clubes de Futebol. São filiados a ela 28 clubes, num total aproximado de 5.500 existentes no país. Somente esse dado demonstra que tipo de entidade é essa, que reúne os donos dos destinos do futebol brasileiro: os poderosos cartolas dos grandes clubes, particularmente os do eixo Rio-São Paulo, que perfazem metade dos associados.

A pauta não foi extensa, aliás como tinha que ser para quem, muito antes do esporte, está pensando nos borderôs e nos gráficos das receitas. No primeiro ponto, Taça de Ouro, os cartolas posicionaram-se pela constituição de um “ranking” formado pelos clubes de melhor estrutura técnica e “financeira” com direito a disputar o torneio, mal disfarçando o desejo por uma

competição estritamente rentável, isto é, disputada apenas pelos seus respectivos clubes.

No segundo item, discutiram a famigerada “lei do passe”, instrumento jurídico medieval que coloca sob os caprichos dos cartolas a carreira dos jogadores de futebol. Por essa lei, o jogador só pode transferir-se de clube quando os dirigentes concordam em vender o passe. E o jogador só obtém “passe-livre” quando completa dez anos num mesmo clube, coisa muito difícil de acontecer, ou ao completar 32 anos, quando tem pela frente poucos anos de carreira. Sobre isso, os cartolas decidiram formar uma comissão de juristas para interceder contra um projeto que tramita no Congresso extinguindo essa lei. Sequer apreciaram a reivindicação de passe livre após três anos de contrato, levantada pelos jogadores. (JM)



Grabois uma vida dedicada à luta do povo

Neste 2 de outubro estaria completando 70 anos de idade, se vivo fosse, um dos “desaparecidos” da Guerrilha do Araguaia, o seu comandante, Maurício Grabois. Grabois foi Deputado Constituinte pelo Partido Comunista do Brasil em 1946, chefiou a delegação brasileira no XX Congresso do PCUS em 1946 e foi um dos reorganizadores do PC do B em fevereiro de 1962, defendendo os princípios marxistas-leninistas em nosso país.



Maurício Grabois, o veterano dirigente comunista.

Nascido de uma família pequeno-burguesa, Maurício assumiu a luta proletária com a firmeza de quem conhece a concepção científica do socialismo, as idéias de Marx, Engels, Lênin e Stálin. Dedicou os últimos 40 anos de sua vida à luta política para transformar o Brasil num país justo, onde seu povo pudesse viver com dignidade.

Em 1932, antes de completar 20 anos de idade, ingressou no Partido Comunista do Brasil, tendo dedicado, a partir daí, toda a sua vida à atividade partidária. Lutou incansavelmente em 1934 contra o fascismo. Em 1935 batalhou pela formação e fortalecimento do movimento revolucionário antiimperialista, antilatifundista e antifascista da Aliança Nacional Libertadora. Dirigente regional do Partido, defendeu a insurreição popular de novembro de 1935.

Com a legalização do Partido, em 1945, é o mais votado deputado eleito pelo PCB em todo o Distrito Federal (Rio de Janeiro). Foi líder da bancada na Câmara dos Deputados, de 1946 a janeiro de 1948, quando foram cassados todos os mandatos comunistas, voltando a atuar na clandestinidade. Em 1956 Grabois chefiou a delegação brasileira no Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS).

Reorganizou o PC do Brasil, com João Amazonas

Durante o surto revisionista kruschoviano, de 1956 a 1960, manteve-se firme em defesa do marxismo-leninismo e do Partido, tendo sérias divergências com os revisionistas que atuam dentro do PC. Com o agravamento das divergências foi afastado do Secretariado, ficando como Secretário Político. Em 1961 é expulso do Partido.

Juntamente com João Amazonas, trabalha na reorganização marxista-leninista do Partido, de 1961 a 1962, quando é aprovado o Programa do Partido Comunista do Brasil, na Conferência Extraordinária de fevereiro de 1962. Após a reorganização, é reeditado o jornal “Classe Operária”, do qual Maurício Grabois foi diretor por longo período.

Em 1964 tem todos os seus direitos cassados. Ferozmente perseguido, sua casa foi invadida, seus livros destruídos, sua livreria fechada.

Grabois é forçado, novamente, a viver na clandestinidade, perdendo, cada vez mais, o contato com a família.

Maurício Grabois, Abel, Mário, Chico, “Velho”, mil nomes num só homem que dedicou sua vida à luta acirrada contra o revisionismo contemporâneo e pela consolidação das fileiras partidárias. Junto com Amazonas, e ao lado de Angelo Arroio e Paulo Rodrigues, transferiu todas as suas energias na preparação da luta e na resistência armada do Araguaia. Ali esteve desde os primeiros momentos, convivendo com as massas exploradas e oprimidas, sentindo sua grande revolta. Ali também colaborou na elaboração de valiosos documentos políticos e militares e comandou as Forças Guerrilheiras do Araguaia, onde tombou como um bravo.

Dotado de sensibilidade como poucos, um humanista acima de tudo, Maurício Grabois, amigo de Mari-gheia desde os 10 anos de idade, chorou sua morte. Sabia que, embora estivessem separados ideologicamente, estavam juntos na luta pela libertação do povo brasileiro.

Em janeiro de 72 fez sua última visita à família

Em janeiro de 1972 esteve pela última vez em sua casa. A partir daí nunca mais sua família teve notícias suas. Em 1978, através de anúncio publicado pelo Comitê Brasileiro pela Anistia, os familiares tomaram conhecimento de que André Grabois, seu filho, constava na lista de mortos, e Maurício na de “desaparecidos” na Guerrilha do Araguaia.

Seus familiares participaram da caravana ao Araguaia na tentativa de conseguir informações com a população local sob seu paradeiro. Souberam então de um ataque ao acampamento onde estava Mário, cuja descrição conferia com os dados físicos de Maurício Grabois. Esse acampamento foi massacrado pelo Exército em 25 de dezembro de 1973.

Hoje continua a luta para o esclarecimento da verdade sobre os episódios da Guerrilha do Araguaia, grande marco na luta revolucionária brasileira, que teve como um dos seus inspiradores e participantes o grande combatente pela liberdade do povo brasileiro, Maurício Grabois. Em sua homenagem foi programada uma manifestação, dia 2 de outubro, na Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro.



Assinatura de Maurício Grabois na Constituição de 1946

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois (da sucursal)

Carajás, o entreguismo sem fronteiras

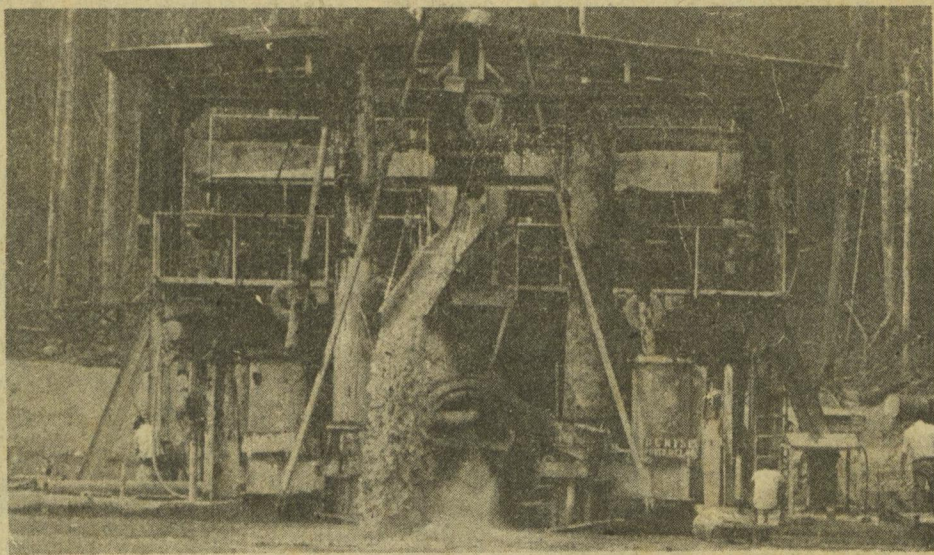
Documentos que envolvem a segurança nacional, aos quais nem os brasileiros têm acesso, foram entregues pelos militares que governam o país aos imperialistas. Com essa ação vendepátria, teve início o Projeto Grande Carajás. Trata-se de mais um serviço ao imperialismo e desserviço à nação praticado pelos generais entreguistas.

O governo militar busca o futuro da Amazônia Oriental no estudo desenvolvido pelo Centro de Desenvolvimento Internacional do Japão que, sem rodeios, indica para a região o "desenvolvimento de recursos para abrir a área para o mercado mundial e a construção de uma estratégia-base para o desenvolvimento do Nordeste do Brasil e da Amazônia".

Aos japoneses entregam-se documentos aos quais dificilmente um cidadão brasileiro teria acesso. É o caso, por exemplo, dos mapas mostrando a Bacia do Rio Tocantins, o local da construção das barragens de Tucuruí e o perfil de toda sua extensão. O mapa do local da construção da barragem é tão minucioso que, através de uma rápida olhada, um engenheiro pode indicar onde atingir a barragem (com bombas e mísseis) para destruí-la. Isso quando, em qualquer país, até fotografar barragens é proibido!

Generais entregaram o mapa da mina ao capital internacional

Até o mapa da mina os generais entregaram aos imperialistas: mapas minuciosos das reservas de ferro, de cobre, de manganês, com sua localização, rochas existentes, etc...



O maior crime contra o povo

O deputado federal Aurélio Peres, do PMDB, denunciou, em discurso na Câmara Federal, o entreguismo governista feito através do Projeto Carajás. Eis alguns trechos desse discurso:

"O projeto Carajás envolve a província mineral de Carajás — seguramente a maior e mais rica do país, podendo se equiparar às maiores do mundo — em planos de exploração florestal e agropecuária ao longo da ferrovia projetada inicialmente para escoar o minério de ferro. Todos os empreendimentos terão como fim principal a exportação, numa tentativa inglória de resolver o problema da balança de pagamentos. Todos os 'sacrifícios' por uma dívida que o povo

brasileiro não contraiu e da qual jamais se beneficiou..."

"Este projeto é o maior crime que se pratica contra os legítimos interesses do povo brasileiro. Contra ele devem se levantar todos os patriotas e democratas deste país, para estancar esta escalada de entreguismo que estamos assistindo há longos anos. Os crimes contra a soberania nacional se sucedem e só deixam de ser considerados os maiores da história do Brasil quando o governo aparece com um novo projeto. Até onde iremos? Qual o projeto que sucederá o famigerado Carajás? 'Por muito menos que isso — conforme assinalou um jornalista — Calabar foi enforcado'."

A obsessão dos grupos estrangeiros com a Amazônia é antiga. Em 1968, a Comissão Parlamentar de Inquérito do Congresso divulgou relatório afirmando que "no momento, já existe apurada a venda de 20 milhões de hectares a pessoas ou grupos estrangeiros, distribuídos pelos diversos Estados e municípios mencionados (no relatório) e que como facilmente se poderá constatar, excetuando-se as terras alienadas no Estado da Bahia, as demais, em sua quase totalidade, se encontram dentro da região Amazônica", além de quatro áreas de dimensões

ignoradas em Goiás, Pará e Roraima.

Com o programa Grande Carajás, forma-se um gigantesco cordão de isolamento que, provavelmente, se ligará com outro conglomerado de interesses imperialistas que se implanta no Brasil, o Projeto Jica, capitaneado pelos japoneses e que se espalha até próximo à Capital Federal.

Como bem lembrou o ex-governador de Pernambuco, Miguel Arraes, "os países não nascem divididos. Eles são divididos de acordo com os interesses imperia-



As obras do Projeto Grande Carajás obedecem às indicações feitas pelos imperialistas.

listas. Estão aí os exemplos da Alemanha, da Coreia e, até recentemente, do Vietnã. O Brasil também pode ser dividido".

O Grande Carajás tem total autonomia e pode dividir o Brasil

Com a implantação dos projetos previstos, o "Carajás" terá autonomia energética e alimentar, além dos fabulosos recursos minerais da região e ampla estrutura portuária. Seu acesso militar é fácil!

Mas também economicamente o Grande Carajás é desvantajoso. Nada confirma as palavras do general Figueiredo de que esse projeto é "a redenção do Brasil" ou de que sozinho ele "pagará a nossa dívida externa".

Como denunciou o geólogo



Gabriel Guerreiro, "nossa dívida externa deverá aumentar consideravelmente com os capitais tomados para investir no projeto. Até o momento não conhecemos estudos dos reflexos disso na balança de pagamentos. Sabemos que teremos que suportar altos juros, compra de tecnologia e ainda remessas de lucros, na medida em que o capital internacional entre como dono ou sócio do projeto".

Grande Carajás só fará aprofundar as disparidades sociais, beneficiando umas poucas empresas estrangeiras e uma meia dúzia de sócias nacionais do imperialismo.

(Extrato de dois capítulos do livro sobre o Projeto Carajás, a ser editado, de Luiz Pedro e Marcos Kowarick, candidatos a deputado estadual e prefeito de Santa Luzia, no Maranhão, do PMDB)

4 mil no comício do PMDB em Santo André



Montoro cumprimenta Maria da Silva, no Conjunto Centreville.

Montoro apóia o Centreville

Quando participava de um comício na Praça dos Nordestinos em Santo André, na tarde de sexta-feira, o senador Franco Montoro foi convidado por uma comissão de moradores a visitar o Conjunto Centreville. Lá uma passeata o esperava, comandada pela candidata a vereadora Maria da Silva, uma das lideranças dos ocupantes do conjunto habitacional. Ao receber o senador Montoro, Maria foi incisiva:

"O importante hoje é derrubar o regime militar, principal responsável pelas dificuldades que o povo enfrenta. É a luta pela moradia caminha junto com a luta por liberdade. Por isso é importante apoiar o partido que tem condições de derrotar o PDS. E é importante igualmente que esse partido, o PMDB, se comprometa com as reivindicações mais sentidas da população, com as lutas populares".

Após visitar uma das casas ocupadas, o candidato ao gover-

no comprometeu-se a ajudar os moradores a comprarem as casas que ocuparam:

"O caso de Centreville demonstra de modo dramático a falência de uma política habitacional. De um lado, casas prontas, construídas com milhões da Caixa Econômica, e sem moradores. De outro, famílias sem casa, morando em favela. A invasão é um efeito dessa situação. Não se trata de um caso policial, mas de um problema social, um grave problema social. Como governador, não resolvi esse problema com a força policial. Mas apoiarei a compra das casas pelos que lá estão, em condições razoáveis, dentro das leis vigentes para a aquisição de casas populares".

Montoro ainda afirmou que "se a comunidade de Santo André precisa de casas populares, cabe ao governo do Estado apoiar e providenciar recursos para sua construção".

Um grande comício, com cerca de 4 mil pessoas, marcou, no dia 24, a visita do candidato a governador de São Paulo pelo PMDB, Franco Montoro, a Santo André, cidade da Grande São Paulo. Durante toda a sexta-feira Montoro visitou os bairros daquela cidade, conversando com a população e com os candidatos do PMDB local.

Santo André já tem uma prefeitura do PMDB. E atualmente três candidatos concorrem, por esse partido, à sucessão de Lincoln Grilo na chefia do município. Carvalheiro, um desses candidatos, comprometeu-se, durante o comício, a, se eleito, "ter um governo fiscalizado e mantido pelo povo organizado", no que foi entusiasticamente aplaudido.

A grande concentração popular, diante do Paço Municipal, expressa o desejo da população local, majoritariamente operária, de derrotar o governo e seu partido. Santo André não recebeu nenhum apoio do governo estadual, por ter uma prefeitura de oposição. Maluf, quando era governador, chegou a suspender um programa de construção de casas populares idealizado pelo prefeito Grilo, porque este se recusou a entrar no PDS.

E na região o problema de moradia é dos mais graves. Nessa cidade está situado o Conjunto Habitacional Centreville, ocupado por favelados, desempregados e trabalhadores de baixa renda, que não tinham como pagar aluguel. O senador Franco Montoro visitou Centreville (veja box ao lado). Em praça pública o candidato do PMDB anunciou "a construção de dez mil casas em Santo André", durante seu governo.

Brizola faz o jogo do governo contra o PMDB

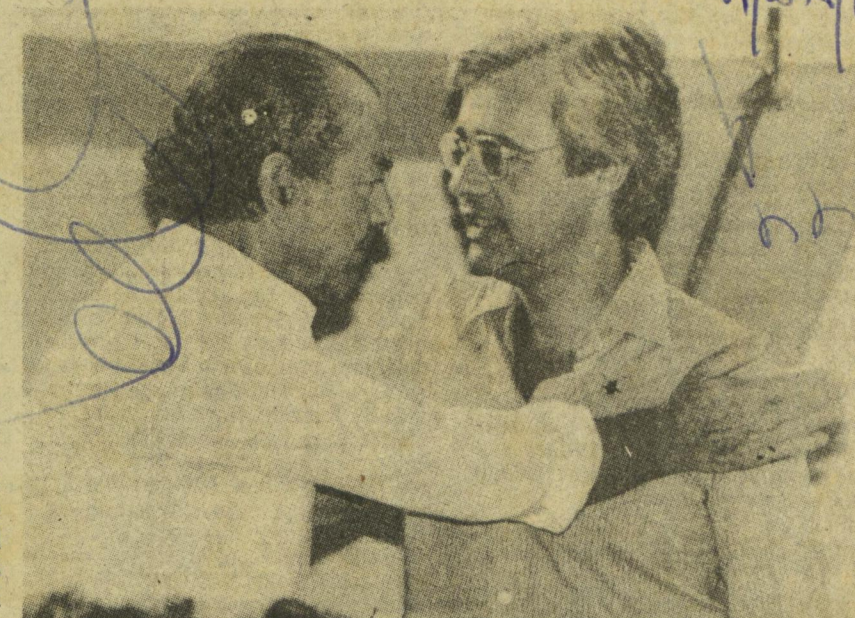
Leonel Brizola decidiu usar o prestígio de democrata que conquistou antes de 1964 para ajudar o PDS nas eleições de 15 de novembro. Já afirmou que no Rio prefere a vitória de Moreira Franco e não a de Miro Teixeira. Está recebendo apoio do governo para cumprir a tarefa de dividir os votos da oposição e confundir os eleitores.

O regime militar tem hoje a candidatura de Brizola, do PDT, como uma peça chave para a vitória do candidato Moreira Franco, do PDS. Tanto assim que mais de 80 toneladas de papel destinadas à campanha do PDS foram repassadas para a campanha de Brizola, segundo denunciou publicamente Miro Teixeira no início da semana passada.

Alguns acreditam que os ataques que o candidato do PDT faz contra o PMDB e contra Miro Teixeira se dá em função da máquina corrupta do impopular governador Chagas Freitas. Não é verdade. No Rio Grande do Sul, por exemplo, onde não existe o "chaguismo", Brizola combate também o PMDB — só que aí o argumento é outro: é porque o PMDB tem "liberais e conservadores em larga escala". Enquanto isto o reacionário e corrupto Jair Soares é quem leva vantagem!

PREFERE O PDS

Mas mesmo no Rio de Janeiro, será que Moreira Franco, representante do PDS, representante do regime militar mais corrupto da história do país, pode ser melhor do que um candidato que reúne em sua campanha os mais amplos setores oposicionistas para derrotar o governo e o PDS? O Sr. Brizola, se quer de fato derrotar a corrupção, deve entender que uma vitória esmagadora do PMDB é um golpe profundo no regime militar e consequentemente no "chaguismo".



Brizola e Moreira Franco: amizade contra o povo e contra o PMDB.

mo", que só pode sobreviver num regime ditatorial e corrupto como o que domina o país desde 1964.

Quem não acredita na opção de Brizola, basta ler a sua entrevista na revista Isto É da semana passada. Ele afirma claramente que entre Miro e Moreira Franco para o governo do Rio, ele aprecia mais "a prática política" do candidato do PDS. É triste mas é verdade.

Será então que o problema é porque Brizola é socialista e o candidato do PMDB não é? De jeito nenhum. O socialismo de Brizola é pura embromação. Ele mesmo diz que o seu é o "socialismo moreno". Que ele mesmo "honestamente não sabe" como vai ser e nem quais os passos a serem dados para chegar lá. Apenas que "iremos construindo tijolo por tijolo". Ou seja: socialismo sem revolução e sem classe operária.

APOIO À ABERTURA

A verdade é que Brizola combate o PMDB, o maior e único partido que pode levar a vitória da oposição, porque acredita e apóia a abertura da abertura do general Figueiredo. Ele é quem divide os tempos de

abertura a hora é dos partidos". Ou seja em vez de fazer das eleições um grande plebiscito contra o regime ele defende que agora é cada um por si. Só pensa em consolidar os partidos criados pela reformulação partidária promovida pelo governo para dividir a oposição. Ele defende esta linha com o argumento de "prosseguir na "transição democrática" — ou seja, passar à democracia melhorando o regime, sem liquidá-lo.

Com estas posições adesistas, o candidato do PDT leva seus cabos eleitorais a agir como grupos provocadores. Deixando de lado o PDS, eles partem para tumultuar as concentrações do PMDB. Na sexta-feira dia 24, um bando de arruaqueiros comandados pelo candidato a vereador pelo PDT, Clemir Ramos, atacou um comício do PMDB na Cinelândia onde falavam os candidatos populares: Carlos Henrique e Carlos Alberto Muniz, deixando 3 pessoas feridas. E no melhor estilo malufista, foram para os jornais governistas, como o Jornal da Manhã, para jogar a culpa sobre os candidatos do PMDB. Ele é quem divide os tempos de